

ATIVIDADE REDAÇÃO
TEMA: CORONAVÍRUS
NOME: ALINE

INTRODUZIR E CONCLUIR

Como as epidemias transformam o mundo

Desde os primórdios da civilização as disseminações explosivas de doenças, como a Peste Negra, a de Justiniano e a Gripe Espanhola dizimaram populações, abalaram impérios, derrubaram dinastias e alteraram modelos econômicos e comportamentais, formatando de tempos em tempos os desafios para a humanidade em relação a organização e preservação da vida. Para marcar o início da década de XX, nos deparamos com a dimensão inédita de uma crise pandêmica que trará ao mundo consequências culturais, econômicas e talvez nos leve a uma recessão global.

No início do século XIV a economia medieval vivenciava uma época de ascensão diante da ampliação da oferta de gêneros agrícolas e o desenvolvimento das cidades. Contudo, no início da segunda metade do séc, essa realidade foi bruscamente interrompida com um terrível acontecimento, a Peste.

A Peste Negra que tem um nome característico por fazer alusão a um sintoma marcante da doença, em que a pele dos pacientes escurece devido às hemorragias subdérmicas, foi responsável pela morte de cerca de 75 a 200 milhões de pessoas atingindo o seu pico, na Europa entre os anos 1347 e 1351. Essas milhões de mortes, fizeram a produção de alimentos e mercadorias baixar muito, e alguns preços disparar. Os nobres, tentaram lançar sobre os camponeses o peso da crise, já que a renda diminuía, aumentavam o preço da terra. O que em meio à uma pandemia, agravou as tensões entre nobres e camponeses, que se revoltaram, e muitas vezes organizaram levantes. O que obviamente serviu como instrumento de propagação para o espalhamento da doença, somado ao fato, de que na época a Europa e a Ásia eram um verdadeiro lixão a céu aberto, sem nenhum tipo de saneamento básico nas cidades, que cresciam rapidamente. Tanta instabilidade demonstrava que os antigos hábitos e instituições que definiam a ordem não se manteriam de pé. Além deste efeito drástico sobre a população, num cenário de mortes e crise política, a Europa mudou irrevogavelmente a estrutura social da época. Havia uma perseguição desenfreada as minorias como judeus e leprosos, que eram acusados de iniciarem as pragas, até mesmo pela própria igreja, que em sua maioria relacionava a doença a um castigo divino. Muitos acreditavam que até o olhar de um doente poderia contaminar alguém. A Peste Negra, devastou a Europa medieval.

8 séculos se passaram e o mundo conheceu diversas outras epidemias. E hoje, o mundo se vê novamente diante de um momento singular, histórico. Apesar de podermos contar com a evolução das formas de governar, das tecnologias, dos estudos científicos, das análises históricas e do privilégio de contarmos com inteligências adquiridas através de estudos do passado, ainda sentimos medo, e estamos completamente vulneráveis, como estavam as populações nos séculos anteriores.

O mais novo desafio e inimigo da humanidade tem nome e até parentes. O coronavírus é uma família de vírus que causa doenças respiratórias. Até o ano passado eram conhecidos

apenas seis tipos de coronavírus que variam de gravidade. Foi decretado desde 11 de março de 2020 como pandemia, pela Organização Mundial da Saúde-OMS, o surto de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, e a diferença entre os nossos antepassados é uma infinidade de informações, circulando todos os meios de comunicação possíveis, na intenção de prevenção, organização e controle. Dispomos inclusive, de mapas que monitoram em tempo real as situações da doença pelo globo, via internet. Só que isso está longe de ser suficiente para manter uma conscientização geral.

Recentemente sofremos no Brasil um contingenciamento de verbas para as áreas educacionais. Fica também evidente os grandes desafios que a comunidade científica brasileira, bem como os profissionais da área da saúde enfrentam. Situações que variam desde a manutenção dos recursos de verba para todas essas áreas, até mesmo a postura do governo brasileiro em relação a este grave episódio que estamos vivendo a nível mundial. Não diferente do que aconteceu nos séculos anteriores o Brasil e o mundo estão diante da porta da recessão e crise, abertas diante de nós. Os cortes feitos anteriormente, junto com a má administração do dinheiro público, somados ainda ao despreparo das nações no combate a um vírus novo, sobre o qual pouco se sabe, nos coloca mais uma vez em situação de vulnerabilidade.

A quarentena se faz obrigatória, inclusive, o termo e ideia vieram do século XIV durante a Peste Negra, quando na Itália, o governo de Veneza determinou que as embarcações que chegassem ao porto ficassem isoladas por 40 dias antes do desembarque de passageiros e cargas. Pois, achavam que a doença vinha do mar. Ainda se discute os motivos de o numeral ser 40, alguns historiadores dizem haver relação com a igreja católica, fazendo alusão aos 40 dias da quaresma. E hoje, o termo tem sido usado e muito falado. O mundo procura adotar medidas e manter as pessoas em isolamento, seguindo as orientações das autoridades da saúde, que através de estudos e pesquisas defendem o isolamento horizontal, aquele que determina que, todas as pessoas fiquem em casa, quando possível, exceto, os trabalhadores essenciais. Trabalhadores estes, que tem estado nas linhas de frente garantindo os serviços que não podem parar para a toda população.

Durante o surto da Gripe Espanhola, que não faz tanto tempo assim, aconteceu o mesmo, crise econômica e política, colapsos nos sistemas de saúde, e tudo isso no meio de uma guerra. Soldados norte-americanos teriam ajudado a espalhar a gripe pelo mundo. Vivenciávamos a primeira guerra mundial. A gripe matou mais de 50 milhões de pessoas no mundo. E inúmeras foram as mudanças que a pandemia da Gripe Espanhola causou. Num momento de guerra os recursos eram voltados apenas para isso, um sistema público de saúde era só uma ideia abstrata, e depois do surto, houve de certa maneira um estímulo para o nascimento de sistemas complexos e públicos de saúde, pelo menos no Brasil. Em poucos meses no país, a Gripe matou cerca de 35 mil pessoas, entre elas Rodrigues Alves que tinha acabado de ser reeleito presidente da República e morreu antes mesmo de tomar posse. O Rio de Janeiro parou completamente. Na época, a censura, a falta de informação, e as mentiras contribuíram para a morte de muita gente. O mundo redefiniu-se novamente. Como herança da Gripe, apesar da dor o mundo tem a História ao seu dispor para tomá-la como exemplo.

Mais 102 anos que se foram e ainda existem países subdesenvolvidos que sofrem com a escassez de alimentos, falta de acesso às vacinas e remédios e até mesmo a um bem

comum, a água. Estávamos protegidos de uma nova pandemia? Nós, humanos temos uma tendência a esquecer os percalços da história.

Olhando para tudo, fica clara a necessidade de investir e valorizar cada vez mais as pesquisas científicas, a educação em todos os seus níveis, e os profissionais da saúde e tantos outros que descobrimos agora o quanto são essenciais. De maneira que diante de uma pandemia se faça universal um único propósito, o de sobreviver, e superar, claro, com um amparo necessário à todos sem exceção, afinal de contas estamos hoje num patamar de evolução e desenvolvimento científico absolutamente notável. E podemos ainda, neste momento encontrar conforto na nossa História, ao lembrarmos que em 1918 nossos avós e bisavós estiveram sujeitos à circunstâncias muito adversas, bem mais penosas que as nossas e que foram, ainda assim capazes de as ultrapassar e abraçarem-se novamente.